

Julie Buxbaum
A autora bestseller do New York Times

Conta-me Três Coisas

E se a pessoa de que
mais precisas for
alguém que
não conheces?

«Três coisas acerca deste livro:

1. Adorei.
2. Não, a sério, ADOREI MESMO.
3. Qualquer pessoa será mais feliz depois de o ler.»

Jodi Picoult

**TOP
SEL
LER**

*Amo-vos
daqui até à Lua e voltar.
Até ao infinito,
e mais além.*

capítulo 1

SETECENTOS E TRINTA e três dias depois de a minha mãe morrer, quarenta e cinco dias depois de o meu pai se pirar com uma estranha que conheceu na net, trinta dias depois de, posto isto, nos mudarmos para a Califórnia, e apenas sete dias depois de eu entrar para o décimo primeiro ano num liceu novinho em folha, e onde não conheço praticamente ninguém, recebo um e-mail. O que seria estranho — uma carta anónima caída do nada na minha caixa de correio, assinada com o estranho pseudónimo *Alguém Ninguém* — se entretanto a minha vida não se tivesse tornado tão irreconhecível a ponto de já nada me chocar. Levou-me até hoje — setecentos e trinta e três dias inteirinhos nos quais me senti o oposto de normal — para descobrir esta importante lição de vida: acontece que podemos vir a tornar-nos imunes à esquisitice.

Para: Jessie A. Holmes (jesster567@gmail.com)

De: Alguém Ninguém (alguemning@gmail.com)

Assunto: o seu guia espiritual do Wood Valley H. S.

olá, menina Holmes. não nos conhecemos em pessoa, e não sei se algum dia isso virá a acontecer. ou seja, é provável que sim, a dada altura — talvez te venha a perguntar as horas ou algo de igualmente mundano que diga respeito a ti e a mim —, mas jamais nos viremos a conhecer, pelo menos não de uma forma verdadeiramente digna de interesse... o que me levou a contactar-te por e-mail sob o manto do anonimato.

e sim, apercebi-me de que tenho apenas 16 anos e que acabei de usar o termo «sob o manto do anonimato». daí que esta seja a razão n.º 1 para que nunca venhas a saber o meu nome verdadeiro. jamais conseguiria sobreviver à vergonha deste tipo de pretensiosismo.

«sob o manto do anonimato»? a sério?

e sim, também me apercebi de que a maioria das pessoas se teria limitado a enviar uma SMS, mas não consegui perceber como fazer isso sem te dizer quem sou.

tenho andado a observar-te na escola. não de um modo esquisito ou sinistro. ainda que me pergunte se o facto de eu usar a palavra «esquisito» não me tornará, por definição, sinistro. seja como for, a questão é que... tu intrigas-me. provavelmente já terás reparado que a nossa escola é, na sua grande maioria, um deserto de Barbies e Kens loirinhos e de olhares vazios, e há qualquer coisa em ti — não apenas o fator novidade, porque, como é óbvio, todos nós já andamos juntos na escola desde os 5 anos —, mas algo na forma como te moves e falas, e na realidade não falas, optando por olhar para nós como se fôssemos bizarros protagonistas de um documentário da *National Geographic*, faz-me pensar que talvez sejas diferente dos restantes imbecis da escola.

faz-me querer saber o que se passa nessa tua cabecinha. vou servir-me de toda a honestidade: geralmente não me interessa rigorosamente nada o conteúdo da cabeça das outras pessoas. o da minha já me dá trabalho que chegue.

o propósito fundamental deste e-mail é oferecer-te o meu conhecimento e experiência. lamento ser a pessoa portadora de más notícias: navegar nas profundezas do Wood Valley High School não é fácil. este sítio aparenta ser caloroso e acolhedor, com o nosso ioga e meditação e recantos de leitura e quiosque do café (peço

desculpa, Kiosk do Kafé), mas tal como em qualquer outro liceu americano (ou talvez ainda pior), este local é uma verdadeira e tenebrosa zona de guerra.

daí que, pelo presente, eu me esteja a oferecer para vir a ser uma espécie de guia espiritual virtual. está à vontade para me perguntares seja o que for (à exceção da minha verdadeira identidade, claro), e eu darei o meu melhor para te esclarecer e/ou tirar-te dúvidas: de quem te tornares amiga (lista curta), quem evitares (lista bem maior), as razões pelas quais te deves abster de comer os hambúrgueres vegetarianos da cafetaria (uma longa história que não vais querer saber e que envolve comichão nas virilhas), como sacares Excelentes nas aulas da stora Stewart, e o motivo pelo qual jamais deverás sentar-te ao lado do Ken Abernathy (algo que envolve flatulência). ah, e tem especial cuidado no ginásio: o stor Shackleman obriga todas as miúdas giras a correrem mais voltas só para lhes olhar para os rabos.

parece-me informação suficiente por agora.

e, se te serve de alguma coisa, bem-vinda à selva!

atenciosamente, Alguém Ninguém

.....
Para: Alguém Ninguém (alguemning@gmail.com)

De: Jessie A. Holmes (jesster567@gmail.com)

Assunto: Brincadeira de mau gosto rebuscada?

AN: Isto é a sério? Ou será antes uma brincadeira de iniciação (bastante merdosa, diga-se), do tipo comédia romântica imbecil? Tencionas treinar-me a partilhar os meus pensamentos/medos mais obscuros e profundos, e depois, PIMBA, quando eu menos esperar estás a postá-los no *Tumblr* para eu ser o alvo principal de chacota do WVHS? Se é isso, meteste-te com a miúda errada. Sou cinturão negro de karaté. Sei cuidar de mim.

Se não é uma piada, agradeço a oferta, mas não, obrigada. Espero um dia vir a ser uma grande jornalista. O melhor mesmo é ir-me habituando a zonas de guerra. Além de que sou de Chicago. Acho que consigo lidar com o Valley.

.....

Para: Jessie A. Holmes (jesster567@gmail.com)

De: Alguém Ninguém (alguemning@gmail.com)

Assunto: não é uma brincadeira, nem rebuscada nem simples

prometo que não é uma partida. e acho que nunca vi uma comédia romântica. chocante, eu sei. espero que isto não revele uma profunda falha no meu carácter.

tens noção de que o jornalismo é uma área moribunda, certo? talvez devesses antes aspirar a ser blogger de guerra.

.....

Para: Alguém Ninguém (alguemning@gmail.com)

De: Jessie A. Holmes (jesster567@gmail.com)

Assunto: Spam com alvo direcionado?

Que engraçadinho. Espera, não me digas que os hambúrgueres vegetarianos contêm esperma?

.....

Para: Jessie A. Holmes (jesster567@gmail.com)

De: Alguém Ninguém (alguemning@gmail.com)

Assunto: Jessie Holmes, acabou de ganhar um milhão de dólares de um príncipe nigeriano!

não só esperma, mas esperma de jogadores de lacrosse transpirados.

também evitaria o rolo de carne, só para jogar pelo seguro. aliás, mantém-te longe da cafetaria, ponto. aquela merda ainda te dá salmonelas.

.....

Para: Alguém Ninguém (alguemning@gmail.com)

De: Jessie A. Holmes (jesster567@gmail.com)

Assunto: Mando-te o meu NIB logo que possível

Quem és tu?

.....
Para: Jessie A. Holmes (jesster567@gmail.com)

De: Alguém Ninguém (alguemning@gmail.com)

Assunto: e cópias da certidão de nascimento e carta de condução,
por favor

não. não vai acontecer.

.....
Para: Alguém Ninguém (alguemning@gmail.com)

De: Jessie A. Holmes (jesster567@gmail.com)

Assunto: E, claro, também vais precisar do n.º da segurança social,
certo?

Tudo bem. Mas ao menos responde-me a isto: que raio se passa com
a falta de maiúsculas? Partiste a tecla *shift*?

.....
Para: Jessie A. Holmes (jesster567@gmail.com)

De: Alguém Ninguém (alguemning@gmail.com)

Assunto: e altura e peso, por favor

preguiça incurável.

.....
Para: Alguém Ninguém (alguemning@gmail.com)

De: Jessie A. Holmes (jesster567@gmail.com)

Assunto: AGORA estás a entrar na esfera pessoal

Preguiçoso e prolixo. Interessante combinação. E, mesmo assim, dás-te
ao trabalho de escrever os nomes próprios com maiúsculas?

Para: Jessie A. Holmes (jesster567@gmail.com)
De: Alguém Ninguém (alguemning@gmail.com)
Assunto: e nome de solteira da tua mãe

.....
não sou um completo filisteu. ou filisteia...
.....

Para: Alguém Ninguém (alguemning@gmail.com)
De: Jessie A. Holmes (jesster567@gmail.com)
Assunto: Preguiçoso, prolixo E inconveniente

.....
«Filisteu» é uma palavra muito à frente para jovens de 16 anos.
.....

Para: Jessie A. Holmes (jesster567@gmail.com)
De: Alguém Ninguém (alguemning@gmail.com)
Assunto: preguiçoso, prolixo, inconveniente... e giro

.....
essa não é a única coisa... ufa. apanhei-me a tempo. ia estragando tudo.
lançaste-me o isco e eu morde-o.
.....

Para: Alguém Ninguém (alguemning@gmail.com)
De: Jessie A. Holmes (jesster567@gmail.com)
Assunto: Preguiçoso, prolixo, inconveniente, giro e... modesto

.....
Se o dizes...
.....

.....
Estão a ver, a cena do e-mail é essa. Eu nunca diria nada assim pessoalmente. Grosseiro. Sugestivo. Como se eu fosse o tipo de repariga que conseguisse mandar uma piada assim. Que, cara a cara com um membro *vivo* da espécie masculina, soubesse andar em joguinhos de engate, dar aquele toquezinho no cabelo, e, chegando a tal, soubesse ir mais além do que algumas beijufas. (Para que conste, eu sei beijar. Não digo que fosse sacar uma alta nota num exame sobre o assunto ou ganhar uma medalha olímpica,

mas estou bastante segura de que não sou péssima. Sei isto puramente a título de comparação. Adam Kravitz. Nono ano. Ele: só baba e língua raivosa e rítmica, como um zombie a tentar comer-me a cabeça. Eu: participante bastante apta e determinada — e com marcas na cara que duraram três dias.)

O e-mail é muito como um diagnóstico de défice de atenção. Tempo extra garantido num teste. Na vida real, eu estou constantemente a refazer conversas na cabeça, a editá-las até encontrar as tiradas mais inteligentes, despreocupadas e fixes — todas as cenas que parecem sair naturalmente às outras raparigas. Uma perda de tempo, claro, porque por essa altura já vou tarde. No diagrama Venn da minha vida, a minha personalidade real e a imaginária nunca convergiram. Já por e-mail e SMS são-me dados os segundos a mais de que preciso para ser a melhor e mais bem editada versão de mim mesma. Para ser aquela rapariga na gloriosa interseção.

Devia ter mais cuidado. Apercebo-me disso agora. *Se o dizes...* A sério? Não sei se soo a gajo de fraternidade ou a cabra; em todo o caso não soo a mim. Ainda mais importante, não faço a mínima ideia de a quem estou a escrever. É improvável que o AN seja mesmo o bom samaritano que tem pena da rapariga nova. Ou melhor ainda, um admirador secreto. Porque, claro está, o meu cérebro saltou imediatamente para aí — resultado de uma vida inteira a devorar demasiadas comédias românticas e a ler demasiados livros improváveis. Porque é que acham que beijei o Adam Kravitz? Era meu vizinho lá em Chicago. Haverá história melhor do que aquela em que a rapariga descobre que o verdadeiro amor esteve sempre à espera dela na porta ao lado? Claro, o meu vizinho acabou por se revelar um zombie com saliva gaseificada, mas não importa. Estamos sempre a aprender.

O AN é seguramente uma partida cruel. Provavelmente nem é um *ele*. É só uma rapariga mazinha a meter-se com os mais fracos. Porque sejamos realistas: eu sou fraca. Possivelmente até patética. Mentí. Não tenho um cinturão negro em karaté. Não sou durona.

Até ao mês passado pensava que era. Pensava mesmo. A vida deu-me umas pancadas, fui pau p'ra toda a obra, mas continuei de peito erguido, para misturar as minhas metáforas. Ou não. Às vezes sentia-me mesmo como se me estivessem a dar socos na boca. O meu único motivo de orgulho: ninguém me viu chorar. E depois tornei-me a rapariga nova no WVHS, nesta zona estranha a que chamam o Valley — que fica em Los Angeles, mas não exatamente em Los Angeles —, porque o meu pai casou com uma mulher rica que cheira a leite de amêndoas, e onde um sumo custa 20 dólares, e eu nem sei. Já nem sei nada.

Estou mais perdida e confusa e sozinha que nunca. Não, o liceu não vai ser um período da minha vida que vou recordar com afeto. Certa vez, a minha mãe disse-me que o mundo se divide em dois tipos de pessoas: aquelas que adoraram os anos do liceu e aquelas que passaram a década seguinte a recuperar deles. «O que não te mata, fortalece-te», disse ela.

Mas ela acabou mesmo por morrer, e eu não estou mais forte. Por isso... nem sei. Talvez haja um terceiro tipo de pessoas: aquelas que nunca recuperam *de todo* do liceu.

capítulo 2

BEM VISTAS AS coisas, dei de caras com A Única Coisa Que Não Pode Ser Googlada: «Quem é o AN?». Passou-se uma semana desde que recebi os seus e-mails misteriosos e ainda nem desconfio de quem se trata. O problema é que eu gosto de saber coisas. De preferência com antecedência, com tempo suficiente para me preparar.

Claramente, a única opção viável é investigar a cena numa abordagem *à la* Sherlock.

Comecemos pelo dia 1, aquele primeiro dia na escola, que foi uma treta, mas que para ser honesta não foi mais treta que todos os outros dias desde que a mãe morreu. Porque a verdade é que em todos os dias que se passaram desde que a minha mãe morreu, ela continuou morta. Ponto final, parágrafo. Foram todos uma treta. O tempo não sara todas as feridas, por muito que assim prometam os cartões de pêsames comprados num quiosque e rabiscados à pressa por familiares afastados. Mas imagino que naquele primeiro dia deva ter havido um momento em que larguei uns suficientes ares de *ajudem-me* para que o AN tenha reparado em mim. Algum momento em que o meu pensamento *a minha vida é uma treta* tenha ficado aparente no exterior.

Mas descobrir que momento foi esse não é assim tão simples, porque esse dia resultou num rebentar pelas costuras de embaraço, uma miríade de momentos por onde escolher. Primeiro, cheguei atrasada, o que foi culpa do Theo. O Theo é o meu novo irmão — o filho da nova mulher do meu pai, que, *bestial*, também estuda no mesmo liceu, no básico, e está a encarar esta nova dinâmica de

mixórdia familiar fingindo que eu não existo. Por alguma razão, fui estúpida o suficiente para assumir que, já que vivemos na mesma casa e estamos na mesma escola, iríamos no mesmo carro. Qual quê! Veio-se a descobrir que a t-shirt *Go Green* do Theo é só para as aparências e, claro, ele não tem de preocupar a sua cabecinha laroca com detalhes insignificantes como dinheiro para o combustível, estão a ver... A mãe dele dirige um grande negócio de marketing cinematográfico, e a casa deles (posso viver aqui agora, mas de certeza que não é *a minha casa*) tem a sua própria biblioteca. Mas, claro, a biblioteca está cheia de filmes e não de livros, porque: *isto é L. A.* E então acabei por ir no meu próprio carro para a escola e ficar presa no trânsito maluco.

Quando finalmente cheguei à porta do Wood Valley High School — passei os seus intimidantes portões, encontrei estacionamento no parque cheio de automóveis de luxo e segui a pé pela longa entrada acima —, a encarregada na secretaria indicou-me um grupo de miúdos sentados na relva, em círculo e de pernas cruzadas. Como se isto fosse um acampamento cristão, ou uma cena assim, com uma ou duas caixas de guitarra espalhadas por perto. Do tipo «kumbaya, my lord». E pelos vistos isso pode acontecer em L. A.: aulas cá fora numa relva impossivelmente verde em setembro; encostados a árvores a florescer. Foi o suficiente para eu ficar desconfortável, a suar dentro das minhas calças de ganga escuras, a tentar livrar-me dos nervos e da raiva de conduzir neste trânsito. Todas as outras raparigas tinham recebido o memo-do-primeiro-dia-de-escola; usavam vestidos de verão, leves e de cores claras, presos nos ombros finos em alças ainda mais finas.

Para já, essa é a diferença número um entre L. A. e Chicago: as raparigas aqui são todas magras e andam sempre seminuas.

A aula já ia a pleno vapor, e eu senti-me constrangida ali em pé, a tentar perceber como entrar no círculo. Aparentemente estavam a contar, da esquerda para a direita, o que é que tinham feito nas férias de verão. Acabei por me sentar atrás de dois tipos altos na esperança de que eles já tivessem falado — e que me pudessem esconder.

Claro, escolhi mal.

— Olá a todos. Caleb — disse o tipo à minha frente, com um tom oficial de quem assumia que já toda a gente o conhecesse. Gostei da voz dele: confiante, tão seguro do seu lugar como eu insegura do meu. — Fui à Tanzânia este verão, o que foi bastante fixe. Primeiro, a minha família e eu escalámos o Kilimanjaro, e fiquei com as coxas doridas durante, tipo, semanas. Depois juntei-me a um grupo de voluntários para construirmos uma escola numa aldeia rural. Por isso, estão a ver, colaborei um bocado. Resumindo, foi um verão fantástico, mas estou feliz por estar de volta. Tinha mesmo saudades de comida mexicana.

Comecei a bater palmas mal ele acabou — ele subiu ao *Kilimanjaro* e *construiu uma escola*, por amor de Deus, merece palmas —, mas apercebi-me de que era a única. O Caleb usava uma t-shirt cinzenta simples e calças de ganga de marca, e era bem-parecido numa forma não-intimidante, as feições suficientemente normais para ser o tipo de rapaz com quem eu... possivelmente... um dia, *talvez*... Pronto, provavelmente não, pudesse vir a andar. Não lá muito acessível, não, não de todo, demasiado bom para mim, mas a fantasia não era escandalosa a ponto de eu não me deixar perder nela por um momento.

Era a vez do tipo guedelhudo sentado à minha frente — que também era bem giro, quase tanto quanto o seu amigo.

Hum... Talvez eu me viesse a surpreender e a passar a gostar disto, apesar de tudo. Teria uma boa vida de fantasia, se não mesmo real.

— Como a malta sabe, sou o Liam. Passei o primeiro mês a estagiar na Google da Bay Area, o que foi fantástico. Só a cafetaria deles justificaria a viagem. E depois andei de mochila às costas pela Índia durante a maior parte de agosto.

Tinha também uma boa voz. Melódica.

— O caraças é que andaste de mochila! — disse o Caleb, o tipo da t-shirt-cinzenta-e-Kilimanjaro, e o resto da turma riu, incluindo a professora.

Eu não, porque, para variar, demorei um segundo a mais. Estava demasiado ocupada a tentar perceber como é que um puto de liceu consegue um estágio na Google, e a aperceber-me de que se *esta* é a minha concorrência, nunca vou entrar na faculdade. E OK, também estava a olhar para estes dois tipos, a tentar perceber qual era a cena deles. O Caleb, não obstante a sua subida ao Kilimanjaro, dava ares de menino atinadinho de fraternidade, enquanto o Liam tinha um estilo mais *hipster cool*. Um yin e yang interessante.

— Pronto. Está bem, não andei por lá de mochila. Os meus pais não me deixavam ir a não ser que eu promettesse ficar em hotéis de qualidade, porque estão a ver o filme... comida picante dá bilhete de ida para a casa de banho. Mas ainda assim, sinto que saí dali com um bom apanhado da cultura e uma experiência fixe e que fica bem em qualquer CV, que era a ideia — retorquiou o Liam.

E é claro que por essa altura eu já tinha percebido que não devia bater palmas.

— E tu? Como te chamas? — perguntou-me o diretor de turma, que mais tarde vim a saber ser o stor Shackleman, o professor de Educação Física sobre o qual o AN me avisou que gostava de olhar para os rabos das raparigas. — Não me lembro de ti no último ano.

Não sei porque é que ele tinha de apontar, para que toda a turma olhasse para mim, mas disse a mim própria que não fazia mal. Isto parecia o primeiro dia na primária: que é que fiz durante as férias de verão? Não havia razão para eu ter as mãos a tremer e o ritmo cardíaco acelerado; não havia razão para me sentir com os sintomas iniciais de uma insuficiência cardíaca congestiva. Conhecia os sinais. Tinha visto os anúncios. Todos os olhos estavam postos em mim, incluindo os do Caleb e do Liam, ambos com um laivo de divertimento e desconfiança. Ou talvez fosse só curiosidade. Não dava para perceber.

— Hum, olá, sou a Jessie. Sou nova aqui. Não fiz nada de excitante este verão. Quer dizer... mudei-me de Chicago para cá. E até vir para cá, trabalhava... Hã, na Smoothie King no centro comercial.

Ninguém foi mal-educado a ponto de se rir, mas desta vez consegui ler-lhes os olhares. Pena, pura e dura. Afinal, eles tinham construído escolas e viajado para lugares longínquos, estagiado em empresas multibilionárias.

Eu passei dois meses a fazer batidos de melão de milho com alto teor de frutose.

Em retrospectiva apercebo-me de que devia ter mentido e dito que andei a ajudar órfãos paraplégicos no Madagáscar. Ninguém teria sequer erguido uma sobranceira.

Ou batido palmas, já agora.

— Espera. Não te tenho na minha lista — disse o stor Shackleman. — És do décimo segundo?

— Hum, não — respondi eu, sentindo uma gota de suor soltar-se e deslizar-me pela cara. Cálculo rápido: limpá-la iria atrair mais ou menos atenção ao facto de estar a segregar dos poros quantidades massivas de água? Limpei.

— Aula errada — afirmou ele. — Não sou parecido com a professora Murray, pois não?

Todos riram abertamente de uma piada que, no máximo, foi *marginalmente* engraçada. E 25 caras voltaram-se para mim, olhando-me de alto a baixo. Digo isto literalmente: alguns deles pareciam estar a avaliar-me a altura.

— A tua aula é lá dentro.

O stor Shackleman apontou para o edifício principal, por isso tive de me levantar e caminhar para lá enquanto a turma inteira, incluindo o stor — e incluindo os giraços do Caleb e do Liam — me viam, e ao meu rabo, a ir embora. E só depois, quando cheguei à sala certa e tive de estar de pé a falar do meu verão a outros 25 miúdos — e pronunciar as palavras «Smoothie King» pela segunda vez perante uma igualmente atónita plateia — é que me apercebi de que tinha um enorme tufo de relva espetado no rabo.

Pensando melhor: o número de pessoas que devem ter sentido o meu desespero? Pelo menos 50, e fazendo as contas por baixo para me sentir melhor.

A verdade é que o AN podia ser qualquer pessoa.

Agora, passados 14 dias inteiros, estou aqui de pé na cafetaria, a segurar o estúpido do meu saco de papel pardo com sanduíches, e olho em volta para este novo território — onde tudo brilha e é *caro* (os putos aqui conduzem *BMW*, não *Ford Focus* velhos com o símbolo da *BMW* colado, comprado no eBay) — e não sei para onde ir. Estou a enfrentar o problema com que todos os novos alunos se deparam: não tenho ninguém com quem me sentar.

Não há hipótese de me juntar ao Theo, o meu *novo irmão* que, na única vez que lhe disse olá no átrio, me ignorou com tanta intensidade que desisti de sequer olhar na direção dele. Ele parece estar sempre atracado a uma rapariga chamada Ashby (sim, é mesmo o nome dela), que me faz lembrar uma supermodelo a meio da passerelle — toda ela maquilhagem gótica, roupa de marca de aspeto desconfortável, feições amplas e vazias de expressão, cabelo cor-de-rosa espetado. Estou a ficar com a sensação de que o Theo é um dos miúdos mais populares nesta escola — cumprimenta toda a gente quando passa pelo átrio, com aqueles elaborados toques de dedos e punhos — o que é estranho, porque ele é o tipo de gajo que seria gozado em Chicago. Não por ser gay — os meus colegas lá do Franklin Delano Roosevelt High School não eram homofóbicos, pelo menos não abertamente —, mas por ser extravagante. Um pouco dado ao exagero. Tudo o que o Theo faz é teatral, exceto quando se trata de mim, claro.

Ontem à noite passei por ele antes de ir para a cama, e ele estava a usar um pijama de seda com corte de smoking, como um modelo piroso num anúncio de perfumes. É verdade que eu tinha creme para as borbulhas espalhado nas bochechas, e tresandava a óleo de melaleuca — a minha autoparódia de uma adolescente borbulhenta. Ainda assim, tive a decência de fingir que não era estranho que as nossas vidas tivessem subitamente, e sem o nosso consentimento, ficado interligadas. Dei-lhe o meu boa-noite mais amigável, já que não via razão para ser mal-educada. Não era isso que ia fazer os nossos pais descasarem-se. Mas o Theo limitou-se

a oferecer-me um grunhido elegante e elaborado, com uma fantástica mensagem subliminar: *tu e o interesseiro do teu pai deviam pôr-se a andar da minha casa.*

Ele até tem razão. Quer dizer, o meu pai não está interessado no dinheiro da mãe dele. Mas *devíamos* ir embora. Devíamos meter-nos num avião já esta tarde e voltar para Chicago, ainda que isso seja uma impossibilidade. A minha casa está vendida. O quarto onde eu dormi durante toda a vida está agora ocupado por uma miudita de 7 anos e a sua extensa coleção de bonecas American Girl. Perdi-a, assim como tudo o resto que reconheço.

Em relação ao almoço de hoje, considerei levar a minha miserável sanduíche de manteiga de amendoim e geleia para a biblioteca, um plano que saiu frustrado por um sinal muito severo de «Proibido Comer». É pena, porque a biblioteca aqui é fantástica — para já a única coisa que é melhor em relação ao FDR. (No FDR nem tínhamos propriamente uma biblioteca. Tínhamos um armário de livros, que era usado sobretudo para o pessoal curtir. Mas a verdade é que o FDR era... uma escola pública. Este lugar custa um zilhão de dólares por ano, valor que, no meu caso, é a nova mulher do meu pai que faz o favor de desembolsar.) A brochura da escola informa-nos que a estrutura da biblioteca foi doada por um manda-chuva qualquer de um estúdio de televisão com um apelido sonante — e as cadeiras são todas chiques, o tipo de coisa que se vê numa daquelas revistas de design de luxo que a nova mulher do meu pai deixa estrategicamente espalhadas pela casa. «Pornografia de design» — chama-lhes ela, com aquele risinho nervoso que deixa claro que só fala comigo porque tem mesmo de ser.

Recuso-me a comer nas casas de banho, porque isso é o que os putos patéticos fazem nos livros e nos filmes, e também porque é nojento. Os «queimados» colonizaram o relvado das traseiras — e de qualquer forma não quero sacrificar os pulmões ao altar da amizade falsa. Há aquela cena esquisita do Kiosk do Kafé, que

normalmente até seria a minha praia, apesar do nome estúpido: porquê os capas? Porquê? Mas não interessa quão rápido lá chegue depois da aula de Matemática, os dois cadeirões confortáveis já estão ocupados. Num está o esquisitoide que veste sempre a mesma t-shirt *vintage* do Batman e as mesmas calças de ganga, *skinny* pretas, e lê livros ainda mais grossos do que aqueles de que eu costumava gostar. (Será que está mesmo a ler? Ou será que os livros são meros adereços? Por favor, quem é que lê Sartre por gosto?) A outra está ocupada por um grupo rotativo de raparigas barulhentas e sempre aos risinhos a fazerem-se ao Batman, cujo nome verdadeiro é Ethan, coisa que eu só sei porque temos juntos Inglês e Apoio. (Nesse primeiro dia aprendi que ele passou o verão a fazer voluntariado num campo de férias de música para miúdos autistas. Não estive de forma alguma a manobrar uma liquidificadora. Grande vantagem: não me mandou um daqueles olhares de pena como o resto da turma, quando lhes contei do meu fabuloso biscoito dos *smoothies*; mas agora que penso nisso, é porque ele nem se dignou a olhar para mim.)

Apesar dos esforços das raparigas, o Batman não parece lá muito interessado. Faz o mínimo aceitável — um meio-abraço, sem contacto visual, e encolhe-se todo depois de cada um, com o esforço a pesar-lhe em cima numa qualquer forma invisível. (Aparentemente, há por aqui muitos abraços e beijinhos duplos, um em cada face, como se fôssemos parisienses de 22 anos em vez de americanos de 16, e sempre algo constrangidos.) Não consigo perceber porque é que elas insistem em fazer-se a ele, sempre dentro daquele registo parvo da hilaridade, como se estar no liceu *fosse tão fixe!* A sério, é preciso repetir? Para a maioria de nós o liceu *não é fixe*; o liceu é o *contrário de fixe*. Pergunto-me como será falar sempre com superlativos, como estas raparigas fazem: «Ethan, tu és engraçadíssimo! A sério. Tipo, és mesmo engraçadíssimo!».

— Precisas de apanhar ar. Anda dar uma volta connosco, Eth — diz a rapariga loira, e despenteia-lhe o cabelo, como se ele fosse uma criança pequena e desobediente.

Os joguinhos de engate do pessoal de 16 anos são iguais em Los Angeles e em Chicago, ainda que eu possa dizer que as raparigas aqui são ainda mais barulhentas, como se pensassem que há uma correlação direta entre volume e atenção masculina.

— Nã, hoje não — diz o Batman, educado, mas frio.

Tem cabelo preto e olhos azuis. É giro para quem gosta do tipo quero-lá-saber. Consigo entender porque é que a rapariga o despenteou. É um cabelo espesso e tentador.

Mas ele parece mau. Ou triste. Ou ambos. Como se também estivesse a contar os dias até se formar e poder bazar deste lugar, e até lá não lhe apetecesse fingir.

Para que conste: 639 dias, incluindo fins de semana. Até *eu* consigo fingir. Na maior parte das vezes.

Ainda não tive hipótese de olhar com atenção sem ser apanhada, mas tenho quase a certeza de que o Batman tem uma covinha no queixo, e há a distinta possibilidade de ele usar eyeliner, o que é um bocado marado. Ou talvez sejam só as olheiras a realçar-lhe os olhos, porque ele parece cronicamente exausto, como se o sono fosse um luxo que não lhe é permitido.

— Na boa — diz a rapariga, e finge não se sentir magoada com a rejeição.

Mas é claro que fica. Em resposta, senta-se ao colo da outra rapariga na cadeira oposta — também loira e tão parecida com ela que se calhar até são gémeas — e começam com aqueles pseudo-mimos e festinhas. Já sei do que é que a casa gasta.

Passo por lá, ansiosa por chegar ao banco mesmo à saída da porta. Um lugar solitário para almoçar, talvez, mas também uma zona livre de ansiedade. Não há forma de fazer asneira.

— Estás a olhar para onde? — ladra a primeira loira.

E aqui estão elas, as primeiras palavras que outro aluno me disse voluntariamente desde que entrei no Wood Valley há duas semanas: *Estás a olhar para onde?*

Bem-vinda à selva, penso. Bem. Vinda. À. Selva.

capítulo 3

NÃO É ASSIM tão mau estar aqui, digo a mim mesma, agora que estou sentada num banco, de costas para o Batman e para aquelas víboras, a cafetaria e o resto da minha turma lá longe atrás deles. Então as pessoas aqui são más. Grande coisa. As pessoas são más em todo o lado.

Lembro-me de que está um tempo fabuloso. Soalheiro, porque aparentemente está sempre soalheiro em L. A. Já reparei que todos os miúdos têm óculos escuros de marca, e eu até poderia ficar encantada por estarem só a tentar parecer fixes, mas na volta até precisam mesmo deles. Passo os dias de olhos semicerrados, com uma mão por cima deles, como um escuteiro a fazer a saudação.

O meu maior problema é que tenho saudades da minha melhor amiga, a Scarlett. É a minha guarda-costas pessoal de metro e meio, metade judaica, metade coreana, e teria a resposta perfeita para aquela rapariga, algo assertivo e com garra. Em vez disso, só me tenho a mim: eu e o meu tempo de resposta atrasado e as minhas retinas a arder. Tenho tentado convencer-me de que fico bem sozinha durante os próximos dois anos. De que se precisar de um empurrãozinho, basta mandar uma mensagem à Scarlett, e vai parecer que ela está aqui perto, em vez de estar quase no outro lado do país. Ela tem dedos rápidos a responder. Só gostava de me sentir um bocado menos ignorante em relação ao funcionamento deste lugar. Na verdade, o AN tem razão: tenho montes de perguntas práticas. Podia perfeitamente usar a *app* do Wood Valley que me explica como usar o cartão para carregar as senhas de almoço,

o que raio é o *Dia da Solidariedade de Wood Valley*, e por que diabo é suposto usar-se sapatos fechados nesse dia. E, talvez o mais importante: com quem é que é proibido estabelecer contacto visual acidental. *Estás a olhar para onde?*

As loiras do engate estão agora a passar à frente do meu banco — suponho que a tentativa de trazerem o Batman com elas foi inútil — e riem enquanto passam.

Estão a rir-se de mim?

— Ela está a gozar? — a loira finge que sussurra à amiga ligeiramente menos loira, e depois atira-me um olhar por cima das costas.

São ambas giras daquele jeito sortudo-convencional. Cabelo brilhante e acabado de arranjar, olhos azuis, pele limpa, magras. Mamas estranhamente grandes. Minissaias que eu tenho a certeza de que violam o código de vestuário da escola, e quatro camadas de maquilhagem que foram provavelmente aplicadas com a ajuda de um tutorial do *YouTube*. Vou ser sincera: não me importava de ter aquele mesmo tipo de sorte, de pertencer à rara classe de adolescentes que nunca teve de olhar para uma borbulha. A minha cara, mesmo nos seus melhores dias, tem aquilo a que a minha avó chamava — pouco caridosamente — *caráter*. Uma pessoa tem sempre de olhar para mim duas ou, vá lá, três vezes para ver o meu potencial. Isto se eu tiver algum, claro.

— Topaste-me bem o *scrunchie*¹ da gaja?

Raios. Tinha razão. Estão a falar de mim. Não só vou passar os próximos dois anos sem um único amigo, como também vou começar a perceber por experiência própria aquelas reportagens do jornal da noite acerca de *bullying*. O AN, seja rapaz ou rapariga, pode ser uma partida, mas tem razão: este lugar é um campo de batalha. Vou ter mesmo de me pôr a pau.

Tenho a cara a arder. Levo um dedo à cabeça, um sinal de fraqueza, sim, mas também um reflexo. Não há nada de errado com

¹ Elásticos coloridos de veludo, plástico ou metalizados, que servem para incrementar os penteados feitos com elásticos normais. Surgiram nos anos noventa do século passado.

o meu *scrunchie*. Li na *Rookie* que estavam outra vez na moda. A Scarlett também os usa de vez em quando, e ela ganhou o prémio de Mais-Bem-Vestida no ano passado. Luto contra as lágrimas que me vêm aos olhos. Não, estas cabras não me vão ver chorar. Aliás, esqueçam. Elas não me vão *fazer* chorar.

Elas que se lixem.

— Chiu, ela ouviu-te — diz a outra, e depois olha para mim, com um ar apologetico, mas ao mesmo tempo feliz da vida.

Está mocada com aquela adrenalina de gaja-cabra. Depois continuam a andar, ou melhor, a pavonear-se, como se achassem que há uma plateia a observar e a assobiar. Lanço um olhar em volta por cima do ombro, só para ter a certeza, mas não: sou a única ali. Elas estão a bambolear os rabinhos perfeitos para *meu* proveito.

Pego no telemóvel. Mensagem à Scarlett. Para mim é hora de almoço, mas ela está agora mesmo a sair das aulas. Detesto que estejamos longe, espacialmente e temporalmente.

Eu: Não me sinto bem aqui. Toda a gente veste XS.
Ou XXS.

Scarlett: Oh não, não me digas que vamos ter de entrar naquela cena do TU NÃO ÉS GORDA. A nossa amizade baseia-se na máxima: não somos o tipo de raparigas que tenham de fazer isso uma pela outra.

Nunca fomos o tipo de estarmos com cenas do género «Oh, detesto o meu mindinho esquerdo, é tão... flexível.» A Scarlett tem razão. Tenho mais que fazer do que estar a comparar-me aos padrões inalcançáveis estabelecidos pelos diretores de arte das revistas, que depilam as coxas com um passar do dedo. Mas estaria a mentir se não admitisse que aqui por estes lados estou a atirar para o pesadote. Como é que é possível? Será que põem laxantes na água?

Eu: Loira. Toda a malta é. Tipo. Tão. Loira. Californiana.

Scarlett: NÃO DEIXES QUE ELAS TE TORNEM UMA DESSAS RAPARIGAS. Prometeste-me que não ficavas toda L. A.

Eu: Não te preocupes. Teria de falar com pessoas para me tornar L. A.

Scarlett: Bolas! A sério? Assim tão mau?

Eu: Pior.

Tiro uma *selfie* rápida de mim sozinha no banco, com a minha sanduíche de manteiga de amendoim e geleia meio comida. Mas sorrio em vez de fazer beicinho, e meto um *hashtag* de #Dia14. Aquelas loiras, sim, fariam beicinho, tornariam aquilo uma foto «Sou tão sexy», e publicavam logo no *Instagram*. «Vejam só como eu sou boazona, a não comer a minha sanduíche!»

Scarlett: Tira esse *scrunchie*. Com essa camisa fica um bocadinho saloio.

Solto o cabelo. É por isso que preciso da Scarlett aqui. Talvez ela seja a razão para eu nunca ter sido gozada antes. Se não nos tivéssemos conhecido aos 4 anos de idade, talvez eu fosse uma croma ainda maior.

Eu: Obrigada. *Scrunchie* oficialmente morto e enterado.

Scarlett: Quem é esse giraço a servir de emplastro na foto?

Eu: Quê?

Olho para o telemóvel com os olhos semicerrados. O Batman estava à janela a olhar lá para fora no preciso momento em que tirei a foto. Não estava exatamente a fazer de emplastro, mas ficou para a posteridade. Parece que a Loira e a Mais Loira afinal sempre

tinham plateia. Como não podia deixar de ser. Raparigas como aquelas têm *sempre* plateia.

Sinto-me corar de novo. Não só sou uma triste de uma baleia que almoça sozinha com um *scrunchie* não-irónico no cabelo, como também sou estúpida o suficiente para ser apanhada a tirar uma *selfie* deste fantástico momento na minha vida. Por um girão, ainda por cima.

Carrego na caixinha ao lado da foto. Eliminar. Quem me dera que fosse assim tão fácil apagar tudo o resto.

capítulo 4

— *A TERRA DEVASTADA*, de T. S. Eliot. Já alguém leu? — pergunta a stora Pollack, a minha nova professora de Inglês Avançado.

Ninguém levanta a mão — nem eu, ainda que tenha lido o poema há uns anitos, no que já parece ter sido outra vida. A minha mãe costumava deixar livros de poesia espalhados pela casa, como se fizessem parte de uma caça ao tesouro tácita, um espalhar de complexas pistas conduzindo sabe-se lá para que destino. Quando eu estava aborrecida, costumava pegar num dos livros na sua mesinha de cabeceira ou na pilha ao lado da banheira e abria-o numa página aleatória. Queria ler as passagens que ela tivesse destacado ou onde tivesse apontado, nas margens, umas notas ilegíveis. Frequentemente perguntava-me porque é que um determinado verso estava salientado num amarelo gasto.

Nunca lhe perguntei. Porque é que não lhe perguntei? Uma das piores coisas quando alguém morre é pensarmos em todas as vezes em que não fizemos as perguntas certas, todas as vezes em que estupidamente assumimos que temos todo o tempo do mundo. E também isto: de como todo esse tempo não parece tempo algum. O que resta parece algo fabricado. Os fantasmas das memórias demasiado expostos.

Em *A Terra Devastada* a minha mãe tinha sublinhado a primeira frase e marcara-a com dois asteriscos exuberantes: «abril é o mês mais cruel».

Porque é que abril é o mês mais cruel? Não tenho a certeza. Lentamente, todos eles vão parecendo cruéis à sua maneira. Agora estamos em setembro: lápis todos afiados. Um ano novo e que não

tem nada de novo. É ao mesmo tempo demasiado cedo e demasiado tarde para resoluções e novos começos.

Os livros da minha mãe estão empacotados em caixas de cartão e a apanhar mofo num armazém alugado lá em Chicago, com um cheiro a papel agora húmido e poeirento. Impeço-me de me deixar ficar a pensar nisso, ou em como toda a matéria se desintegra. Em como destacar aquelas passagens foi, afinal, um desperdício.

— É um poema de 434 versos. Isso é o quê, uns 434 *tweets*?

A stora Pollack consegue arrancar uns risos. É jovem, talvez no final dos 20, e atraente: *leggings* de leopardo, *peep-toes* com cunha em pele, um top de seda de alças fininhas que lhe deixam à mostra os ombros sardentos. Está mais bem vestida do que eu. Uma daquelas professoras cujos alunos concordaram tacitamente em curtir, talvez até admirar, dado que a vida dela não parecia assim tão longe do nosso alcance. Ela representa algo reconhecível.

No primeiro dia, a stora apresentou-me à turma, mas não me fez levantar ou dizer algo acerca de mim própria, como tinha feito o resto dos professores. Simpático da parte dela, poupar-me àquela indignidade.

— Malta, *A Terra Devastada* é um poema difícil. Muito, muito difícil. Difícil ao nível universitário, mas eu acho que vocês estão preparados. Não estão?

Recebeu de volta alguns sins indecisos. Eu não disse nada. Não valia a pena erguer já o meu estandarte de *nerd*.

— Nã-nã. Vocês conseguem fazer melhor do que isso. Estão preparados?

Desta vez recebe sins a plenos pulmões, o que me surpreende. Pensei que os miúdos daqui só se deixavam entusiasmar com roupas, e a *US Weekly*, e viagens caras para engrossar os currículos. Talvez eu os tenha julgado demasiado cedo.

— Muito bem, eis como vamos fazer as coisas: formam-se equipas de dois, e durante os próximos dois meses, semanalmente, vão abordar o poema em conjunto.

Oh, não! Não. Não. *Não!* Sabem qual é a única coisa pior do que ser a miúda nova na turma? É ser a-miúda-nova-que-tem-de-arranjar-um-par. Raios!

Os meus olhos dispararam à volta da sala. O Theo e a Ashby estão na primeira fila, e é mais do que óbvio que o Theo não está numa de ajudar a meia-irmã. As duas loiras que gozaram comigo estão sentadas à minha direita. Vim a saber que se chamam Crystal (a loira) e Gem (a mais loira), o que seria hilariante se elas não fossem tão más.² Olho para a esquerda. A rapariga ao meu lado usa uns óculos *Warby Parker* de armação grande e preta — muito fixes, por sinal — e calças de ganga rasgadas, e parece o tipo de miúda que poderia ser minha amiga lá em Chicago. Mas antes de conseguir pensar numa forma de lhe pedir para se juntar a mim, já ela se virou para a pessoa ao lado e fez aquele sinal «ficas o meu par» sem trocarem uma palavra.

De repente a sala inteira já está aos pares. Olho à volta, tentando não parecer demasiado desesperada, ainda que haja uma súplica nítida nos meus olhos. Vou ter de levantar a mão e dizer à stora Pollack que não tenho par? *Por favor, Deus, não!* Assim que me presto a erguer o braço em derrota, alguém me toca com uma caneta no ombro, logo atrás de mim. Suspiro de alívio e viro-me. Nem quero saber quem seja. A cavalo dado não se olha o dente.

Não acredito. O Batman.

Dá-me um aperto embaraçoso no estômago. Ele dirige-me um breve aceno de cabeça, mas desta vez não há como enganar: está claramente a pedir-me para ser o seu par. Os seus olhos azuis são penetrantes, quase violadores, como se não estivesse só a olhar para mim mas também para *dentro* de mim. A medir algo. A ver se eu valho o tempo dele. Pisco os olhos, baixo a cabeça, devolvo-lhe o aceno em resposta, ofereço-lhe o mais subtil sorriso de agradecimento. Viro-me outra vez para a frente e recorro a toda a minha força de vontade para resistir a arrefecer as faces quentes com as mãos.

² Crystal e Gem significam «cristal» e «pedra preciosa/joia», respetivamente. [N. da T.]

Passo o resto da aula a tentar perceber porque é que o Batman me escolheu. Talvez eu tenha um ar inteligente? E, se tenho um ar inteligente, será que isso significa que tenho ar de marrona? Revejo mentalmente a minha roupa de hoje: camisa de xadrez, calças de ganga da *Gap* com a bainha dobrada, os meus *Vans* velhos e maltratados. No fundo, o meu uniforme de Chicago, exceto o casaco de penas. Nada que chame a atenção, especialmente agora que me livrei do *scrunchie*. O meu primeiro pensamento é que ele está só a fazer uma boa ação, por qualquer razão. Devo ter exibido um ar patético, a olhar à volta da sala à procura de uma cara solidária. Logo o Batman, que me viu a ser gozada pela Gem e a fazer figuras tristes no primeiro dia de aulas. Até o Ken Abernathy, que segundo o AN tem um problema de gases, encontrou o seu par imediatamente.

Quando toca e estamos todos a arrumar os portáteis — é claro que eu sou a única sem um todo chique e em versão *slim* —, o Batman detém-se na minha secretária, fita-me outra vez com aqueles olhos arrebatadores. E será que é só da minha imaginação, ou têm um brilhazinho sociopata? Ele não pode ser assim tão mau. Escolher-me foi um gesto simpático. Não me lembro de ter perdido o meu tempo a travar amizade com o miúdo novo na escola lá em Chicago. Sexy e simpático. Isto. É. Tão. Mau. Sinal.

Apercebo-me mesmo a tempo de que devia parar de olhar, e falo finalmente:

— E então... queres trocar números ou assim? — pergunto, e odeio a notazinha nervosa na minha voz que me faz soar demasiado às raparigas que se juntam à volta dele à hora de almoço.

A verdade é que há semanas que não falo lá muito. A Scarlett e eu falamos sobretudo por mensagens. O meu pai tem andado tão ocupado à procura de um novo emprego e a passar tempo com a nova esposa, que mal nos temos visto. E de qualquer forma ele agora não é propriamente a minha pessoa favorita. Não gosto desta nova versão dele, distraído e casado com uma estranha,

puxando-me à força — e sem me dar escolha — para uma vida irreconhecível.

E é isso. A soma total das pessoas que me restam na vida.

— Nã... Eu faço o trabalho e ponho o nome dos dois.

Este tipo nem espera pelo meu OK. Assente outra vez com a cabeça, como se eu tivesse dito que sim. Como se ele tivesse feito uma pergunta e eu tivesse respondido.

Certo. Talvez não seja assim tão simpático.

— Mas...

Mas o quê? *Eu estava à espera de ser o teu par. Gosto dos teus olhos de assassino em série.* Ou pior ainda: *Por favor?* Interrompo-me e calo-me. Baixo só os olhos, para a minha sacola de cabedal castanho — que eu pensava ser fixe até chegar cá e me aperceber de que toda a gente tem sacolas, sim, mas de uma marca francesa chiquérrima de que se ouve falar nas canções de *rap*.

— Não te preocupes. Vais ter um Muito Bom.

E posto isto, o Batman vai-se embora com tanta rapidez que é quase como se eu o tivesse imaginado ali. Uma versão perversa de um super-herói. E eu fico sozinha a arrumar as minhas coisas, pensando em quanto tempo demorará até alguém voltar a falar comigo.

Eu: As coisas vão melhorar, certo? A certa altura, ficam melhor.

Scarlett: Desculpa eu não ser o tipo de pessoa que baixa o nível da nossa conversa ao usar *emojis*, porque merecias completamente um *smiley* simpático agora. Sim, vai melhorar.

Eu: Ah. É só que... Esquece. Desculpa estar sempre a queixar-me.

Scarlett: É para isso que estou aqui. JÁ AGORA, aquele e-mail que me reencaminhaste? A minha hipótese: UM ADMIRADOR SECRETO. O MAIS POSSÍVEL.

Eu: Andaste a ler demasiados livros. Isto é uma brincadeira. E para DE BERRAR COMIGO.

Scarlett: Nem penses. Não disse que ele era um vampiro. Disse que era um admirador secreto. De certeza.

Eu: Queres apostar?

Scarlett: Por esta altura já devias saber que eu tenho sempre razão. É o meu poder mágico.

Eu: Qual é o meu?

Scarlett: Está por descobrir.

Eu: Obrigadinha.

Scarlett: Estou a brincar. Tu és forte. É esse o teu poder, amiga.

Eu: Os meus braços megatonificados de comer TONELADAS de bolachas com o stress. Mão à boca. Repetir 323 vezes. Treino de morte.

Scarlett: Agora um segundinho a falar a sério, ☺. Só porque és forte não significa que às vezes não devas pedir ajuda. Lembra-te disso. Eu estou aqui, SEMPRE, mas talvez devesse aceitar essa oferta de alguém daí.

Eu: Como queiras! Duh! Obrigada, Dr. Phil. Tenho saudades tuas!

Scarlett: Também tenho saudades tuas! Vai escrever ao AN. JÁ. JÁ. JÁ. Agora diz-me a verdade, há alguém na tua escola vulgarmente pálido?

Para: Alguém Ninguém (alguemning@gmail.com)

De: Jessie A. Holmes (jesster567@gmail.com)

Assunto: Conjurando o meu guia espiritual

OK, peço clemência. Tens razão. Este lugar é um campo de batalha, e dava-me jeito alguma ajuda. Por isso vou ignorar os meus instintos e esperar poder confiar em ti. Ainda estás disposto a ouvir umas perguntinhas? (E se isto for a Deena, ganhaste. Apanhaste-me.)

.....

Para: Jessie A. Holmes (jesster567@gmail.com)

De: Alguém Ninguém (alguemning@gmail.com)

Assunto: ao seu dispor, senhora

agora deixaste-me com curiosidade acerca dessa gaja, a Deena. porque é que ela anda atrás de ti? a oferta ainda se mantém.

.....

Para: Alguém Ninguém (alguemning@gmail.com)

De: Jessie A. Holmes (jesster567@gmail.com)

Assunto: Estou a fazer uma vénia virtual

Esta história da Deena não é particularmente interessante. Coisas estúpidas de miúda de liceu. Falando nisso: disseste que havia uma listazita de pessoas de quem eu devia ficar amiga? Não quero soar demasiado desesperada, mas dava-me jeito alguns conselhos acerca disso.

que cena é esta do Dia da Solidariedade da WV e que é que acontece aos meus dedos dos pés se os deixar à mostra?

aqueles cartões estranhos do almoço vêm pré-carregados com guito ou quê?

.....

Para: Jessie A. Holmes (jesster567@gmail.com)

De: Alguém Ninguém (alguemning@gmail.com)

Assunto: não é preciso tanto

começa pela Adrianna Sanchez. ela é tímida, por isso não te vai abordar primeiro. mas é fixe e inteligente e secretamente engraçada assim que a conheces. não sei porquê, mas acho que vocês as duas iam ser boas amigas.

dia de serviço comunitário com a Habitat for Humanity. envolve martelos, daí os sapatos fechados. os teus *Vans* devem servir. são fixes, já agora.

nã, não vem pré-carregado. a máquina fora da cafeteria só aceita notas de 10 e 20 e cartões de crédito.

.....

Bem... Talvez este AN me conheça melhor do que eu pensava. A Adrianna Sanchez é a rapariga com os óculos enormes da *Warby Parker* que fica ao meu lado em Inglês. Aquela que me faz lembrar os meus amigos em Chicago. Fico um pouco corada com o elogio dos *Vans*. Sou tão parva.

Para: Alguém Ninguém (alguemning@gmail.com)

De: Jessie A. Holmes (jesster567@gmail.com)

Assunto: Os Ricaços

Cartões de crédito? A sério? Mas toda a gente aqui é rica?

.....

Para: Jessie A. Holmes (jesster567@gmail.com)

De: Alguém Ninguém (alguemning@gmail.com)

Assunto: anda dar uma volta no meu *Mercedes G4*

sinceramente? temos cá alguns miúdos bolseiros, mas este lugar custa os olhos da cara, como já deves ter reparado. é o que é.

.....

Posto preto no branco: razão n.º 4657 para eu não me ambientar aqui. O meu pai não é um magnata do marketing cinematográfico, seja lá o que isso for; é farmacêutico. Lá em Chicago éramos tudo menos pobres. Éramos aquilo que eu considerava *normal*. Mas *ninguém* tinha os seus próprios cartões de crédito. Eu fazia compras na Target ou na Goodwill com dinheiro poupado, e não comprávamos um café de cinco dólares sem primeiro fazermos os chamados *cálculos infelizes* e nos apercebermos de que aquela bebida custava quase o que poderíamos ganhar numa hora de trabalho depois da escola.

Os meus pais nunca tiveram grande interesse em dinheiro ou roupas ou qualquer uma destas porcarias finórias que, pelos vistos, são omnipresentes por aqui. Eu não era o tipo de miúda que pedisse coisas de marca — nunca foi o meu estilo e, mesmo que fosse, tenho basicamente a certeza de que a minha mãe me teria dado um sermão. Não só porque não tínhamos dinheiro que chegasse para mais do que um excesso ocasional, mas principalmente porque ela considerava coisas de marca e cenas meramente decorativas um desperdício. Tolices para tolos. Estava muito mais interessada em usar o dinheiro que ela e o meu pai tinham para viajar para lugares interessantes, ou então doá-lo a boas causas. «Experiências em vez de coisas», costumava dizer, e depois dissertava sobre um estudo qualquer de ciências sociais que tinha lido — e que definitivamente provava que o dinheiro não comprava felicidade. Quem me dera poder dizer que sempre concordei com ela — lembro-me de uma briga que tivemos acerca de um vestido de duzentos dólares para o baile do oitavo ano —, mas agora tenho orgulho na forma como fui criada, mesmo que isso signifique ainda mais que nesta escola eu seja uma estranha num lugar estranho.

Subitamente a minha gratidão para com o Batman transforma-se em fúria. Como é que ele se atreve a apoderar-se da minha nota? Ao contrário do resto destes putos mimados, eu estou à espera de conseguir uma bolsa para a universidade. Não posso simplesmente confiar na sua promessa de um Muito Bom. E se a stora Pollack descobrisse que não estamos efetivamente a trabalhar juntos? Quando me inscrevi, tive de assinar um compromisso de honra. Tecnicamente, o que ele quer conta como batota e ficará no registo permanente.

Amanhã vou ter de arranjar coragem para ir falar com o Batman e dizer-lhe que vamos ter de trabalhar juntos — ou que então vou ter de pedir à stora Pollack que me arranje um novo par.

Detesto ter cinco horas de trabalho de casa e ainda ter de arranjar tempo para descobrir um part-time. Detesto que a Scarlett não

esteja aqui. Detesto o Theo, que acabou de chegar a casa e, mesmo comigo aqui sentada na sala, nem teve a cortesia de me perguntar como foi o meu dia. Odeio até o meu pai — que, decidi eu depois de a minha mãe morrer, é mais fácil de amar do que lamentar — por me trazer para cá, por me deixar a safar-me sozinha. Até ele anda desaparecido.

A minha mãe costumava zangar-se comigo quando eu usava a palavra «odeio». Achava que era uma palavra ingrata e mimada, e ficaria de certeza furiosa por eu a usar agora para me referir ao meu pai. Por outro lado, ela partiu, e ele agora está casado com outra pessoa. Está claro que nenhuma das regras antigas se aplica.

Para: Alguém Ninguém (alguemning@gmail.com)

De: Jessie A. Holmes (jesster567@gmail.com)

Assunto: E agora um eufemismo

Olá, guia espiritual. Não quero soar ingrata ou algo do género, mas deixa-me só dizer: A TUA ESCOLA NÃO PRESTA.

.....
Para: Jessie A. Holmes (jesster567@gmail.com)

De: Alguém Ninguém (alguemning@gmail.com)

Assunto: diz-me algo que eu não saiba

estamos no mesmo barco. agora para de gritar. estás a fazer-me dor de cabeça.

A Jessie acaba de mudar de cidade, de escola e de casa. Depois da morte da mãe, o pai volta a casar-se e a Jessie é obrigada a conviver com uma madrasta insuportável e um meio-irmão aparentemente passado da cabeça. É então que recebe um e-mail que irá mudar a sua vida para sempre.



«**Eu:** Conta-me três coisas que eu não saiba sobre ti. Além do teu nome e, bem... de tudo o resto.

AN: ok. (1) faço tostas de queijo super-hipermegaboas.

Eu: super-hipermegaboas?!

AN: yep. tão boas que justificam o uso da expressão super-hipermegaboas. (2) tive uma fase Justin Timberlake no sexto ano e chamava-lhe JT. Do género “‘tá-se bem, está a dar o JT na rádio,” pois. foi mau. não foi o meu melhor ano.

Eu: Admito: Ainda estou a passar por uma fase Justin Timberlake. E... (3)?

AN: não sei. se calhar esta deixo em segredo.

Eu: Anda lá. Tu já deixas tudo em segredo...

AN: gosto de ti.

Eu: Também gosto de ti.»

«Julie Buxbaum concebe enredos ricos, plenos de humor e romance acerca de temas difíceis como a dor, o crescimento ou a morte. Vai dar que falar!»

Booklist

TOPSELLER os livros em primeiro lugar	ISBN 978-989-8855-34-3 9 789898 855343
20 20 editora	Literatura Traduzida